

## **O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID -19 <sup>1</sup>**

*Sinara Bomfim Ribeiro*  
Universidade Estadual de Santa Cruz

**Resumo:** O presente artigo é resultado de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, que tem como objetivo explorar os fatores que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em tempos de pandemia da COVID-19. Fundamenta-se em estudos de teóricos como: Dalla Corte (2003), Hamze (2000), Knowles (1990), Sanceverino *et al.* (2020), entre outros que abordam esta temática. Buscou-se através deste estudo, relatar questões pertinentes à Educação de Jovens e Adultos, e promover uma reflexão sobre os problemas que dificultam o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa. Os resultados do presente estudo apontaram que tais problemas podem ser solucionados, desde que as particularidades apresentadas pelos educandos da EJA sejam respeitadas e levadas em consideração, observando também os fatores que contribuem para a aprendizagem destes educandos. Conclui-se, que ao considerar essas particularidades e desenvolver o seu trabalho a partir do modelo andragógico de ensino, o educador poderá colaborar para que o educando vivencie um processo de aquisição de conhecimentos na Língua Inglesa de forma mais prazerosa, e com isso, oportunizará o aprimoramento do ensino da Língua Inglesa no ambiente escolar público, em especial da modalidade de ensino da EJA.

**Palavras-chave:** Andragogia; Educação de Jovens e Adultos; Língua Inglesa.

### **1 Introdução**

No atual cenário educacional brasileiro, observa-se nas escolas públicas, alguns problemas que dificultam o processo de ensino e aprendizado de uma Língua Estrangeira para os alunos da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), tais como: a falta de interesse do educando pela disciplina, ausência de material didático, número reduzido de horas aulas para este componente curricular, e aliado a isso, há também o despreparo do professor para atuar em um público diferenciado, bem como a ausência de recursos tecnológicos que possibilitem o acesso às atividades desenvolvidas diante do contexto da pandemia do Covid-19 e da necessidade de atendimento remoto a estes educandos. Contudo, existem fatores que podem contribuir de forma significativa para resolver estes problemas.

---

<sup>1</sup> Texto síntese desenvolvido a partir de Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Língua Estrangeira Moderna/Inglês, apresentado na Universidade Estadual de Santa Cruz, orientado pela Professora Dra. Patrícia Argôlo Rosa.

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo geral explorar os fatores que contribuem para o processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) diante do contexto da pandemia da COVID-19.

Para tanto, estabeleceu-se no presente estudo os seguintes objetivos específicos: analisar a Educação de Jovens e Adultos e o ensino de uma língua estrangeira sob o olhar da andragogia e descrever as experiências vivenciadas por uma professora em sala de aula da EJA.

Busca-se através da pesquisa de cunho exploratório, do tipo bibliográfica, atender aos objetivos almejados e responder ao questionamento que aponta o problema desta pesquisa: Quais os principais fatores que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa na Educação de Jovens e Adultos no contexto da pandemia da COVID-19?

Tendo em vista que o assunto em pauta precisa ser mais debatido e estudado pelos profissionais que atuam na área, optou-se pela Pesquisa Exploratória, por ser um tipo de pesquisa que visa possibilitar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, de modo que seja possível formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 1999).

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa bibliográfica foi escolhida por possibilitar uma fundamentação teórica que fundamenta os conceitos e ideias sobre a temática abordada, pois este tipo de pesquisa procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros (MARTINS 2001).

Salienta-se, que a escolha do tema se justifica inicialmente, por este estar relacionado a atuação profissional da pesquisadora, durante o período que lecionou em turmas da EJA (especificamente no segundo segmento do Ensino Fundamental) e pela escassez de estudos voltados para a área de ensino de Língua Inglesa para a Educação de Jovens e Adultos. Assim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliação da reflexão dos educadores e demais interessados pelo tema proposto.

## **2 A Educação de Jovens e Adultos e o ensino de uma língua estrangeira: olhando para a Andragogia**

Nos últimos anos tem crescido a preocupação e interesse de alguns estudiosos com relação ao ensino de Língua Estrangeira (LE) para a modalidade de ensino de Jovens e

Adultos. Com isso, várias discussões têm sido suscitadas a respeito deste tema, tanto na área de Linguística Aplicada quanto na Educação como um todo.

Todo esse interesse passa a existir, pois observa-se que as escolas públicas brasileiras enfrentam inúmeros problemas com relação ao ensino de uma LE para a EJA, dentre os quais

estão presentes: a falta de interesse do educando pela disciplina, a falta de material didático, número reduzido de horas aulas, e o despreparo do professor para atuar em um público diferenciado, bem como a ausência de recursos tecnológicos que possibilitem o acesso às atividades desenvolvidas diante do atual contexto da pandemia e da necessidade de atendimento remoto. Observa-se, também, que essas escolas nem sempre apresentam uma estrutura física adequada e um ambiente propício para a aprendizagem de uma Língua Estrangeira.

Cabe destacar, que o cenário do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, sempre esteve atrelado à organização social e histórica do país, sofrendo mudanças em decorrência desse contexto. E tratando-se do ensino de LE para a Educação de Jovens e Adultos, foi somente com o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Câmara de Educação Básica (CEB 11/2000), que foram amparadas as Diretrizes Curriculares para a EJA.

Neste parecer, são adotadas três funções como responsabilidades para EJA, a saber: A primeira é a função reparadora, que visa restaurar o direito a uma escola de qualidade; A segunda é a função equalizadora, que busca restabelecer a trajetória escolar, possibilitando igualdade de oportunidade; A terceira é a função qualificadora, que permite a atualização de conhecimento por toda a vida e assume a cultura, o trabalho e tempo como eixos articuladores da ação pedagógica. Estes eixos, devem amparar a prática pedagógica e proporcionar a formação cidadã dos alunos que frequentam esta modalidade de ensino.

Salienta-se, que o Ministério da Educação e do Desporto, juntamente com a Secretaria de Educação Fundamental disponibilizam “Propostas Curriculares” para a modalidade da EJA, que podem subsidiar os projetos e propostas curriculares das instituições de ensino em todo o país. E estas, devem ser adaptadas às realidades locais e mediante as necessidades específicas de cada instituição de ensino.

A Língua Estrangeira Moderna assume um papel de grande relevância, pois o domínio básico de uma LE amplia as probabilidades de ascensão profissional, pois na atualidade é um requisito essencial para inserção e manutenção de jovens e adultos no mercado de trabalho e para a interação com o mundo globalizado em que vivemos.

Deve-se mencionar também, que em nosso país, a aprendizagem de uma LE nos sistemas de ensino é um direito dos cidadãos brasileiros, amparado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996). Esta legislação que regulamenta o sistema educacional público e privado, explicita em seu Capítulo II, Artigo 26º, parágrafo 5º, sobre a obrigatoriedade da inclusão de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição, na parte diversificada do currículo escolar, a partir da quinta série, atualmente 6º ano do Ensino Fundamental.

Considerando que a EJA, possui uma modalidade específica de ensino, visto que estes alunos possuem vivências, experiências e conhecimentos que os diferem dos alunos da educação regular, ressalta-se a necessidade de uma perspectiva de ensino que os perceba como sujeitos com especificidades no processo de aprendizagem de LE. Essa perspectiva é a andragógica, que apresenta princípios norteadores que contrapõe a perspectiva pedagógica.

A Andragogia é um conceito em educação que busca adotar princípios norteadores para a educação de adultos, ao passo que a pedagogia se volta à criança e seu processo de desenvolvimento. Hamze (2008) afirma que a Andragogia é a arte de ensinar aos adultos, e caracteriza-se como um caminho educacional que busca compreender o mesmo, podendo ser considerada uma teoria ou um método de ensino que se reflete em um conjunto de trocas de conhecimentos entre o facilitador do conhecimento (professor), o estudante adulto e suas experiências de vida.

Segundo Knowles (1990), no modelo andragógico de ensino, as experiências do adulto é que irá distingui-lo das crianças. Tais experiências se constituem nas diferentes situações de formação, um instrumento rico para as suas próprias aprendizagens.

Deste modo, assim como Barros (2018) destaca, no modelo andragógico de ensino, parte-se do pressuposto de que o aluno da EJA é um ser independente, e o trabalho deve ser desenvolvido numa lógica auto diretiva, onde o docente deve apenas estimular e alimentar esse movimento de autonomia do educando.

De acordo com Knowles (1990), existem oposições e contrastes entre os pressupostos dos modelos de processo educativo da Pedagogia e da Andragogia.

As hipóteses pautadas no modelo andragógico, apontam: (a) o papel da experiência do aprendiz é considerado como o recurso mais rico para suas próprias aprendizagens; (b) a vontade de aprender no que diz respeito à auto percepção da aprendizagem destes alunos, está diretamente relacionada com a sua realidade pessoal e profissional; (c) a orientação do

processo de aprendizagem, com a ênfase na resolução de problemas e tarefas vivenciadas no cotidiano, em oposição a aquela centrada nos conteúdos; (d) motivação, indicando a diferença entre a motivação externa e interna, explicitando que a aprendizagem dos adultos é fortemente

influenciada por motivações internas, tais como satisfação, autoestima e qualidade de vida, entre outros (KNOWLES, 1990).

Com base nas características básicas da andragogia, o processo de aprendizagem na EJA deve estar centrado na educação conscientizadora e problematizadora. Mediante o exposto, através do modelo de ensino pautado na andragogia, se estabelecerá um clima propício para a aprendizagem, onde terá como características o conforto, a informalidade e o respeito, permitindo desta forma que o aluno da EJA se sinta seguro e confiante.

### **3 Experiências vivenciadas por uma professora em sala de aula da EJA**

Estudos realizados por Carvalho (2008), sobre alunos da EJA, evidenciam que estes são vistos de forma estereotipada, recebendo o rótulo de “incapazes de aprender”, principalmente por ser um grupo que apresenta heterogeneidade mais acentuada que a habitual. Esse rótulo é atribuído muitas vezes pelo próprio aluno, que é dotado de inúmeras crenças e mitos com relação à própria aprendizagem.

A partir das experiências vivenciadas, em sala de aula, pela autora do artigo em pauta, percebe-se também, que um dos mitos existentes com relação à dificuldade de aprendizagem dos alunos da EJA diz respeito aos mesmos sentirem-se incapazes de aprender a Língua Inglesa por terem idade avançada, e por achar que não vão utilizar o idioma em seu cotidiano. Além disso, muitos ficam envergonhados ao serem chamados para pronunciar uma determinada palavra ou frase diante da turma, com receio dos colegas criticarem suas pronúncias, ou com medo de errar.

É importante ressaltar, que as características apresentadas pelos alunos da EJA são diversas. Os alunos desta modalidade de ensino, são em grande maioria homens e mulheres trabalhadores (as) rurais, empregados (as) e desempregados (as) ou em busca do primeiro emprego, moradores urbanos de periferias, que muitas vezes para continuar seus estudos levam seus filhos para escola, por não terem com quem deixar.

Cabe ao professor procurar formas mais apropriadas de aproximar-se do aluno, pois se o mesmo não apresentar a cautela necessária para tais particularidades, estará contribuindo de

forma efetiva para a evasão escolar desses alunos, pois muitos deles ao serem expostos na sala de aula, sentem-se menosprezados e não voltam mais à escola.

É preciso mencionar, que estamos vivenciando na atualidade um cenário atípico, onde a pandemia da Covid-19 vem trazendo inúmeros desafios no Brasil e no mundo, e em setores

distintos, sendo que para promover a redução da disseminação do novo Coronavírus, uma diversidade de medidas tem sido implementada, relacionadas ao distanciamento social.

Tratando-se da área educacional, tais medidas tiveram como consequência o fechamento de escolas públicas e particulares, interrompendo desta forma as aulas presenciais, com a necessidade de implantação do ensino remoto emergencial. Frente a um cenário sem precedentes, as estratégias de ensino a distância passaram a ser adotadas pelas escolas nas Redes Municipais de ensino, a fim de cumprir o papel de possibilitar a redução dos efeitos negativos do distanciamento temporário.

Ao tratar destas estratégias de ensino, Sanceverino *et al.* (2020), descrevem, que diante do atual contexto da pandemia e da necessidade de atendimento remoto, as instituições de ensino têm encaminhado, por diferentes meios, atividades, especialmente, via plataformas online (*whatsapp, google classroom, e google meet*).

Entre as medidas mais importantes que devem ser pensadas nas escolas de modo consistente para a inserção temporária de soluções de ensino a distância, consiste na avaliação dos recursos tecnológicos que já estão à disposição dos alunos ou que podem ser rapidamente providos.

Tal aspecto, deve levar em consideração as disparidades sociais existentes em nosso país, no contexto regional e local, que são apresentadas não só entre redes de ensino, mas também entre alunos da mesma escola ou, até mesmo, sala de aula. Contudo, a realidade que vivenciamos é que nem sempre isso ocorre na prática.

Para Sanceverino *et al.* (2020) estes aspectos são evidentes na modalidade de ensino da EJA, por ser uma etapa da educação que demonstra de forma mais acentuada a dificuldade apresentada por estes estudantes, seja por não possuírem condições de acompanhar as tarefas propostas de forma remota, pela falta de acesso a recursos tecnológicos, ou outras intervenções mais específicas.

O acesso aos recursos tecnológicos é um elemento revelador da desigualdade existente entre os alunos da EJA, pois observa-se que muitos dos alunos não possuem um computador, possuem na maioria das vezes um celular, e quando o tem, não possuem “pacotes de dados suficientes” até a “inabilidade no uso das ferramentas on-line”, afirmando a necessidade de

material impresso e não pelo uso de WhatsApp, sobretudo pelos custos de impressão que muitas vezes é algo que não está ao alcance desses alunos (SANCEVERINO *et al.*, 2020).

Aliado a isso, as dificuldades relacionadas às intervenções mais específicas e constantes dos docentes também são fatores que devem ser levados em consideração, pois a

partir das experiências vivenciadas em sala de aula pela autora do artigo, observa-se que o currículo da maior parte dos sistemas de ensino de nosso país não foi formulado para ser aplicado de forma remota e além disso, muitos estudantes da EJA não conseguem estudar sozinhos, e com isso, as condições em que estes alunos realizam as atividades remotas, pode impossibilitar que a aprendizagem se processe com êxito.

#### **4 A Língua Inglesa para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos nas escolas públicas brasileiras: fatores que contribuem para o ensino/aprendizagem**

Diante do contexto em que se apresentam as escolas públicas brasileiras, torna-se imprescindível refletir acerca do ensino/aprendizagem da Língua Inglesa na Modalidade de EJA.

Tendo como cenário a vivência de uma da autora deste artigo, observa-se que tanto os professores quanto os alunos concordam com a importância da Língua Inglesa na atual conjuntura econômica. Reconhecem também que este idioma é fundamental para a formação profissional do indivíduo como membro de uma sociedade em desenvolvimento. Contudo, esse reconhecimento não é suficiente para que o processo de ensino/aprendizagem da LI, para as turmas da EJA aconteça de forma profícua.

Verifica-se que as particularidades elencadas ao longo deste trabalho dificultam esse processo, mas estas podem ser solucionadas, desde que os (as) professores (as) responsáveis por esta disciplina, que é tão rica no aspecto social e cultural, observem os fatores que contribuem para o ensino/aprendizagem da LI.

##### **4.1 Fatores que contribuem para o ensino/aprendizagem da Língua Inglesa**

A autora do presente artigo, a partir da sua prática profissional no contexto da modalidade de ensino da EJA, especificamente no segundo segmento do Ensino Fundamental, evidencia que os alunos não são tratados de forma diferenciada; que o trabalho desenvolvido em sala de aula não é norteado a partir do modelo andragógico de ensino; que as experiências dos alunos muitas vezes não são valorizadas; que as aulas não são preparadas levando em

consideração os problemas reais da vida pessoal e profissional do aluno e que não existe a compreensão da relevância da dimensão afetiva na relação professor/aluno e no processo de ensino/aprendizagem da LI. Além disso, percebe-se que dificuldades, como o acesso à internet, inviabilizam a modalidade de ensino voltada para a Educação de Jovens e Adultos.

Além disso, as abordagens e métodos de ensino utilizados pelo professor devem levar em consideração o interesse e a necessidade de quem está aprendendo uma língua estrangeira, vinculando-se o contexto à realidade pessoal e profissional do aluno que vive no contexto atual o ensino remoto emergencial.

Cabe salientar, que o professor deve conhecer esse aluno para que possa estabelecer uma relação entre o que ele está aprendendo e sua vida prática. Coadunando com o exposto, o MEC, em levantamento realizado junto às secretarias de educação sobre as teorias que fundamentam o ensino de Língua Estrangeira na EJA, constata que o professor:

Opta pelo ensino de formas gramaticais, funcionais ou lexicais descontextualizadas, em oposição ao ensino de tipos textuais como entrevistas, classificados etc. [...] Outro ponto a considerar é a ênfase nas aulas expositivas que, além de não criarem espaço para que o aluno aprenda o uso de linguagem em contextos comunicativos, revelam uma perspectiva de ensino e aprendizagem centrada no professor como o transmissor do conhecimento. Isso desvaloriza a parceria entre os alunos, e entre estes e o professor, como um meio de aprender e aprender a aprender (BRASIL 2002, p. 69)

Outro fator que merece atenção diz respeito à relação existente entre professor/aluno dessa modalidade, pois essa muitas vezes não se dá de forma harmoniosa, ocorrendo uma relação de conflito onde um quer impor suas ideias ao outro, não respeitando os diferentes pontos de vista e gerando desentendimentos.

A partir das vivências da autora em sala de aula, observou-se que durante o período de escolarização dos alunos, seja nas séries iniciais do ensino fundamental, ou até mesmo na modalidade de Educação de Jovens e adultos, estes experimentam diversos afetos, seja através do prazer de realizar algo novo, seja quando ficam tristes ao não conseguir fazer algo desejado, ou em outras situações.

Segundo Sadalla (2004, p. 2), a afetividade é conceituada como “um conjunto de fenômenos psicológicos que são expressos sob a forma de emoções, sentimentos e paixões relacionadas a prazer/dor, satisfação/insatisfação, agrado/desagrado, alegria/tristeza”.

Almeida (1999, p. 50) aponta que as manifestações de afetividade como: o medo, a cólera e a alegria são constantes emoções que influenciam nas relações, nas ações e na

produção do conhecimento que acontecem na sala de aula. O comportamento, as palavras, a forma de se dirigir aos alunos pode conquistar ou afastar os alunos de um determinado professor e fazer com que este aluno desperte ou não o gosto pela disciplina.

Portanto, quando a prática andragógica é pautada em uma relação mútua de responsabilidade entre professor e aluno, além de favorecer a participação ativa destes no processo de ensino-aprendizagem, possibilita que o aluno da EJA vivencie experiências de sucesso na aprendizagem dos conteúdos escolares.

John Schumann (1997) um dos pioneiros na área de aquisição de segunda língua, argumenta que “não há cognição sem emoção, já que a aquisição de língua materna e de uma segunda língua são processos fundamentalmente orientados pelas emoções e que a afetividade embasa a cognição humana”.

Diante desse pressuposto, Dalla Corte (2003, p. 19) afirma que “a afetividade e a inteligência se inter-relacionam, isto é, contêm elementos comuns que são indispensáveis para o desenvolvimento da aprendizagem”.

É neste contexto, que o professor ao elaborar uma aula, deve atentar para a aplicabilidade desta no dia a dia do aprendiz. O mesmo deve promover um ensino de línguas de forma contextualizada, possibilitando que esse aprendiz compreenda a utilidade dessa língua para vivenciar situações reais e além disso, levar em consideração aos condicionantes que impedem a consolidação da aprendizagem deste estudante em tempos de pandemia. Com o exposto, compreende-se que o docente deve proporcionar ao seu aluno um ambiente e instrumentos adequados no processo de ensino aprendizagem, facilitando os caminhos que conduzem à aquisição de uma língua estrangeira.

## **5 Considerações finais**

Evidencia-se, a partir desta pesquisa, que existem fatores que influenciam de forma positiva e/ou negativa para a aprendizagem dos educandos no campo da EJA. Neste sentido, educadores devem ter uma melhor percepção desta modalidade de ensino diante do cenário que estamos vivenciando com a pandemia do COVID-19, que ocasionou o fechamento de escolas públicas e particulares, interrompendo desta forma as aulas presenciais.

E quando se trata de alunos da Educação de Jovens e Adultos, deve-se reconhecer que estes alunos possuem particularidades que não podem ser negligenciadas, devendo-se

priorizar as necessidades destes, principalmente porque o contexto de estudos não presenciais no ambiente da pandemia colabora para que ocorra o afastamento e abandono escolar.

Além disso, o mesmo cenário é revelador das desigualdades que demarcam as experiências de vida dos sujeitos da EJA, assim como, da marginalidade das políticas educacionais para esta modalidade. É preciso levar em consideração que as atividades remotas podem se tornar impossíveis e incoerentes, pelo fato de exigir a mediação, presença e interação permanentes dos docentes, dadas as necessidades relacionadas à aprendizagem e as condições reais desses estudantes.

Diante do exposto, o modelo andragógico torna-se significativo, pois amplia a concepção de Educação de Jovens e Adultos, distinguindo-a da educação ofertada à criança, reforçando a ideia da construção de uma EJA com identidade própria, onde a vivência social e cultural do educando sirva como referência na organização do trabalho andragógico.

Além disso, é essencial para que ocorra a garantia de um atendimento de ensino adequado, que possibilite de forma efetiva a realização de ações educativas no atual contexto da pandemia, e para isso, é preciso garantir aos sujeitos da EJA condições escolares objetivas.

O professor que atua nesta modalidade de ensino deve compreender amplamente a importância da dimensão afetiva no ensino/aprendizagem de língua inglesa, haja vista que quando se dá a devida atenção aos aspectos afetivos no contexto de sala de aula, até mesmo em tempos de ensino remoto, promove-se um ensino mais efetivo, possibilitando que os alunos superem as emoções negativas que bloqueiam sua aprendizagem.

Conclui-se, desta forma, que estas reflexões se fazem indispensáveis para que educadores entendam os fatores que se fazem presentes no processo de ensino e aprendizagem e de que forma tais fatores podem favorecer a aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e reflitam que as particularidades elencadas ao longo deste artigo podem dificultar o processo de ensino/aprendizagem dos alunos da EJA, mas estas, também, podem ser solucionadas, desde que os docentes responsáveis por esta disciplina tão rica no aspecto social e cultural observem todos esses fatores que contribuem para o ensino/aprendizagem da LI.

## Referências

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 50.

BARROS, Rosanna. Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44,

e173244, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e173244.pdf>. Acesso em 20 de março de 2021.

BRASIL. Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Proposta curricular para educação de jovens e adultos**: segundo segmento do Ensino Fundamental: 5ª a 8ª série: língua estrangeira. Brasília: MEC, 2002b. v. 2. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2\\_linguaestrangeira.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_linguaestrangeira.pdf). Acesso em: 20 de novembro de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira - 5a. - 8a. séries**. Secretaria da Educação Fundamental, Brasília, 1998.

BRASIL. **Parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE de 11/2000 –CEB**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. 2000.

CARVALHO, Bernadina S. Subjetividade e dialogicidade na educação de jovens e adultos. In.: CARVALHO, Bernadina S. (Org.) **A educação de jovens e adultos no município de João Pessoa**: tecendo reflexões. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, p. 85-93

DALLA CORTE, J. R. **O tecer da Afetividade no Cotidiano Escolar**. Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Educação, Cultura e Cidadania, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí. Ijuí, 2003.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HAMZE, Amélia. **Andragogia e a arte de ensinar aos adultos**. Disponível em <<http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.

KNOWLES, Malcolm. **The adult learner a neglected species**. Gulf Publichin Campano. Houston, 1990. Disponível em [www.terravista.pt/Meco/4678/andragogia](http://www.terravista.pt/Meco/4678/andragogia). Acesso em 10 de maio de 2014.

MARTINS, G.A. & PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos.** São Paulo: Atlas, 2001.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão, AZZI Roberta Gurgel. **Contribuições da afetividade para a educação.** In RIBEIRO DO VALLE, L.E.L. (Org.), *Neuropsicologia e Aprendizagem.* São Paulo: Robe Editorial. 2004. p. 343 – 354. Disponível em: [http://www.marcelo.kinghost.net/ufrgs/CINTED/louise%20e%20marcia/aula3/SADALLA\\_afetividade\\_1\\_.pdf](http://www.marcelo.kinghost.net/ufrgs/CINTED/louise%20e%20marcia/aula3/SADALLA_afetividade_1_.pdf). Acesso em: 25 de novembro de 2020.

SANCEVERINO, Adriana; BERGUER, Daniel Godinho; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes; ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira; GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco. **A EJA em Santa Catarina no contexto da pandemia da COVID -19.** Santa Catarina, Fórum de Educação de Jovens e Adultos de Santa Catarina, 2020.

SCHUMANN, Jonh. **The neurobiology of affect in language.** Boston: Blackwell, 1997.

## SOBRE A AUTORA

### **Nome da Autora 2**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – PPGE da Universidade Estadual de Santa Cruz em Ilhéus-Ba. Professora da Rede municipal de Ensino de Barro Preto-Ba. Licenciada em Língua Estrangeira Moderna/Inglês pela Universidade Estadual de Santa Cruz; Licenciada em Educação Física pela Faculdade Montenegro; Especialista em Políticas Públicas para a Educação Básica; Cursando Pós-Graduação em Tutoria em Educação a distância e docência no ensino Superior na Instituição de Ensino FACIBA; Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar e Esporte.

E-mail: [sbribeiro@uesc.br](mailto:sbribeiro@uesc.br)